

EXPERIMENTAÇÕES COM LITERATURA E ARTES VISUAIS EM CONTEXTOS EDUCATIVOS

EXPERIMENTS WITH LITERATURE AND VISUAL ARTS IN EDUCATIONAL CONTEXTS

EXPERIMENTACIONES CON LITERATURA Y ARTES VISUALES EN CONTEXTOS EDUCATIVOS

Carolina Laureto Hora¹

Resumo: Relato de experiência arte-educativa desenvolvida com professores da educação básica em curso de especialização à distância na área de Educação. Trata-se de uma dobra de compartilhamento: de uma oficina de literatura com os professores participantes do curso citado, e sobre a experiência da partilha dessa oficina com colegas de trabalho, apresentada neste texto. A oficina em questão consiste na experimentação de técnicas de apropriação de textos e imagens como a colagem e a montagem e foi proposta na disciplina “Literatura e linguagem na formação” com o intuito de ser apropriada pelos professores participantes em sua prática educativa.

Palavras-chave: Arte-educação; literatura; formação de professores.

Abstract: Report of an art-educational experience developed with teachers of basic education in a distance specialization course in the area of Education. It is a sharing fold: of a literature workshop with the teachers participating in the aforementioned course, and about the experience of sharing this workshop with co-workers, presented in this text. The workshop in question consists of experimenting with techniques for appropriating texts and images such as collage and montage and was proposed in the subject “Literature and language in training” with the aim of being appropriated by the participating teachers in their educational practice.

Keywords: Art education; literature; teacher training.

Resumen: Informe de una experiencia arte-educativa desarrollada con docentes de educación básica en un curso de especialización a distancia en el área de Educación. Se trata de un pliegue de intercambio: un taller de literatura con los docentes participantes del mencionado curso, y sobre la experiencia de compartir este taller con compañeros de trabajo, presentada en este texto. El taller en cuestión consiste en experimentar con técnicas de apropiación de textos e imágenes como el collage y el montaje y fue propuesto en la asignatura “Literatura y lenguaje en formación” con el objetivo de que fuera apropiado por los docentes participantes en su práctica educativa.

Palabras clave: Arte educación; literatura; formación del profesorado.

“Literatura-oficina”: uma proposta educativa

*Imaginar é dissolver barreiras, ignorar fronteiras,
subverter a visão de mundo que nos foi imposta.*
(Alberto Manguel, Como Pinóquio aprendeu a ler)

Vou começar com algo que não é meu. Disse Mário Quintana: “A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.” Vou continuar com ideias emprestadas. Um dos conceitos primários da arte e da tecnologia, o conceito de *technè* (do grego), diz, entre outras coisas, da habilidade humana de transformar a matéria em

¹ Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, Brasil.

algo que amplia sua utilidade. Esse algo é maravilhoso quando colocado a serviço no mundo e danoso quando nos torna reféns, como quando é cooptado pela lógica capitalista, por exemplo. Benjamin se referiu a esse processo quando discutiu a reprodutibilidade técnica da obra de arte.

Se o novo surge do ócio como proposto por Quintana, a criação é antecedida pela pausa, só depois o movimento. Impressionante o quanto se descobre ao não procurar. O ócio não tem valor na cultura ocidental, e ela enleia a todos nós, ainda que compulsoriamente. Precisamos nos haver com a saturação causada por essa cultura, aprender formas de criar em meio a produtos e discursos que se repetem, se avolumam desenfreadamente.

Foi numa pausa ociosa que consegui um momento para ler algumas referências trocadas em um grupo do Whatsapp no final de semana que antecede essa escrita, intitulado pelo querido amigo que o criou, Brunno Felype Simões Costa, de “SEITÃO POUÇO”, assim em caixa alta mesmo. Entre elas estava um texto publicado na página da N-1 Edições, que integra o projeto “Pandemia crítica” da editora: *Afro-anarquismo, malandragem e preguiça*, de autoria de Renato Nogueira (2021). O texto em questão não fala sobre apropriação na arte, nem de processos educativos, dois dos principais assuntos deste nosso texto, mas que para mim, tem tudo a ver. Cito Nogueira:

A colonização criminalizou as artes da malandragem e da preguiça. Nós precisamos reabilitar essas tecnologias divinas, elas receberam nomes estrangeiros que tentaram inverter seus sentidos. Em geral, as pessoas criadas com comida industrializada não sabem quase nada a respeito delas. A malandragem é a arte negra de crescer sem perder a infância, uma pessoa malandra é alguém que brinca depois de crescida. Quem não sabe brincar precisa colonizar a vida. A preguiça é uma tecnologia dos povos originários, uma pessoa preguiçosa é alguém que sabe a extensão da sua força e o tamanho da sua passada, trabalhando justamente o necessário para que o encanto da vida não se perca. Quem não vivencia o encanto da vida precisa colonizá-la (NOGUERA, 2021, [n. p.]

Ao me deparar com esse texto na N-1, fiz instantaneamente uma livre associação da malandragem e da preguiça com o processo de apropriação e montagem na arte. Palavras e imagens industrializadas e colonizadas não alimentam a imaginação. Alberto Manguel (2009) diz que toda crise da sociedade é uma crise da imaginação, em seu ensaio “Como Pinóquio aprendeu a ler”, e a meu ver, em nosso modo de vida, isso é muito determinante.

A sensação que predomina é a de um agastamento, um fastio. Então quando a arte produz uma provocação por partir de algo pronto, que já está feito, geralmente um objeto utilitário do cotidiano que tem uma função já cristalizada, e transformá-lo (por meio das operações mais diversas) em um novo objeto, esteticamente ressignificado, deslocando sua função original e nos causando algum estranhamento, produz também a possibilidade de criar algum espaço no fluxo contínuo da reprodução. A prática da apropriação artística foi difundida principalmente por Marcel Duchamp no movimento dadaísta do início do século XX, que questionou as estruturas do universo da arte com os seus *Readymades*² e inspira inúmeras produções e movimentos artísticos até hoje.

Pretendo aqui contextualizar uma oficina que ministro já há alguns anos em contextos educativos formais e não formais, e que atrela duas linguagens, literatura e artes visuais. A proposta é inspirada no uso de técnicas de apropriação e montagem na arte contemporânea e consiste em envolver os participantes em uma experimentação da relação entre palavra e imagem, por meio de possíveis intervenções em páginas de jornais, livros e revistas, ou em qualquer outro suporte (físico ou digital) que contenha imagens e/ou textos. A premissa da oficina é a de

² Alguns *Readymades* de Marcel Duchamp são: "Fonte" (1917), "Porta-garrafas" (1914) e "Roda de bicicleta" (1913). Disponíveis em: https://www.moma.org/learn/moma_learning/themes/dada/marcel-duchamp-and-the-readymade/.

perscrutar a relação entre a matéria verbal e a matéria imagética a partir das apostas dos participantes das oficinas no sentido de transfigurar a realidade pré-estabelecida nessa relação.

No processo criativo, os participantes utilizam a *blecaute poetry*³ que consiste em apagar com cor preta partes indesejadas de um texto já existente destacando por outro lado as palavras desejadas, dando origem a um novo texto, sob uma nova autoria, e a colagem, na qual se recorta principalmente imagens (que podem também ser imagens de palavras) de seu contexto original para serem coladas e ressignificadas em um outro contexto. Ou seja, apropriação e montagem.⁴

O que essa proposta de oficina suscita de reflexão é a potência do ato criador dos sujeitos participantes sobre algo pré-determinado e em pausa, apostando-se na experimentação artística como ferramenta de emancipação. De acordo com Duchamp (1986)

No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também não podem e não devem ser totalmente conscientes, pelo menos no plano estético (DUCHAMP, 1986, p. 73).

O ato criador é a realização/materialização da intenção do artista, que é totalmente subjetiva (cada um vai fazer sua arte, dispondo de técnicas e ferramentas). Essa materialização, no entanto, pressupõe escolhas e decisões (o pincel vai para a direita, vou apagar essa palavra, vou recortar tal imagem para compor uma colagem), ou seja, ao criar nos movemos por territórios internos que nos escapam. Os *Readymades* de Marcel Duchamp problematizam a noção de uma operação artística descolada da realidade, tendo em vista todas as variáveis implicadas no *status* de um objeto artístico como obra de arte.

Nesse sentido, as criações produzidas na oficina são sempre o ponto de partida para discutir maneiras de subverter, rearticular, dispor novamente um objeto de arte, a partir de um agenciamento individual e subjetivo, de um deslocamento do concreto para a criação imaginária. A subversão do objeto, do suporte, da noção de autoria e de gênero estão no cerne da oficina e se fazem cada vez mais presentes na arte literária, inspiram liberdade.

Somos cercados desde que nascemos por diversos paradigmas. Por mais que a multiplicidade componha a realidade, estamos sempre enleados em uma repetição de padrões. Pular a cerca é ousado, e requer antes de tudo, que nos percebamos cercados. E não é olhando para fora que vemos a cerca, o fora é a própria cerca. Vamos pular para onde? Processos internos precisam ser mobilizados, ou seja, não se trata de pular, pular, mas de ser capaz de contornar por algum caminho.

A construção da autonomia é um caminho, um caminho que exige que nos tornemos indivíduos conscientes das programações que sofremos, que temos incutidas no corpo e na mente. A arte é outro caminho, porque ela quebra com essa lógica que nos cerceia. Por meio da arte, a realidade se torna outra coisa, algo que é ela e está além dela. Mas de que isso vale, a arte, se a realidade é implacável? O que a arte tem a ver conosco? A arte é uma demonstração da capacidade humana de interferir na realidade, de operar, desfazer, transformar qualquer coisa. Estamos nós e a arte na realidade, a arte é criada por nós, nasce

³ Técnica desenvolvida por Austin Kleon, escritor estadunidense.

⁴ Falo de forma mais aprofundada sobre a oficina em si em um artigo escrito em parceria e publicado em 2020, intitulado “*Eu também sou artista!*”: arte, educação e emancipação, disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1421>.

a partir de nossa ação no mundo, e sendo assim, arriscamos dizer que a arte e a emancipação andam de mãos dadas (HORA; SALERNO, 2020, p. 26).

Como intervir no mundo, penetrar uma superfície estética, como forma de reflexão, como resgate desse mundo e de si? Apropriação, segundo Leonardo Villa-Forte, é “o ato de utilizar algo produzido por outra pessoa com a finalidade de propor, expor, mostrar, apresentar, vender esse algo associado a uma segunda assinatura. Reinserir um dado material num sistema onde ele circula associado a uma nova ‘função-autor’, para usar o termo de Michel Foucault” (VILLA-FORTE, 2019, p. 20).

Foi desenvolvendo uma pesquisa sobre literatura contemporânea na graduação em Letras que me interessei por caminhos mais inventivos na escrita, e foi trabalhando como arte-educadora com um coletivo⁵ composto por outras quatro mulheres que essa oficina surgiu. Me apropriei dela enquanto dispositivo educativo e sigo reinventando-o até hoje. A oficina já foi nomeada como “Poesias escondidas” na época em que foi criada, depois como “Poesia de captura”, e hoje é chamada de “Literatura-oficina”, mas com certeza ainda receberá alguns outros nomes. Entre a preguiça, pausas, encontros e diante de novas situações educativas, ela tem sido recriada ao longo de minha trajetória como educadora, mediadora cultural e pesquisadora.



Figura 1: Oficina Poesias Escondidas. SESC Ribeirão Preto, 2016

Fonte: Acervo NINHO coletivo, arquivo pessoal da autora

Partilha poética: o olhar do outro

Neste texto em específico, trago um relato sobre o alargamento dessa oficina no formato virtual, que exigiu o desenvolvimento de um novo dispositivo adjacente que dialogasse com esse contexto em específico. Chamo-o de “partilha poética”, tendo em vista que se trata do momento em que as obras individuais entram em contato com o outro, ou seja, que as criações se tornam públicas e discutíveis.

⁵ Trata-se do NINHO coletivo (<https://www.facebook.com/ninhocoletivo/>), do qual a autora foi cofundadora e que encerrou suas atividades em 2017.

Ao receber um convite para ministrar uma disciplina em um curso de especialização à distância⁶, voltado para a formação de professores, decidi trabalhar essa oficina com os cursistas. Elaborei um roteiro por escrito para direcionar a prática artística deles, que deveria ser postada posteriormente na plataforma virtual de aprendizagem.

Ministrar a oficina no formato *online* por si só já produziu outras possibilidades de experimentação da proposta. Alguns cursistas fugiram do roteiro e realizaram o blecaute e a colagem utilizando matérias virtuais como textos escaneados, textos printados de sites diversos, fotografias digitais encontradas no Google, utilizando-se de programas como o *Paint* para operar a montagem. Desde o momento da elaboração da ementa da disciplina senti a necessidade de promover alguma forma de encontro dos participantes entre si, já que cada um(a) produziria seu objeto artístico em casa, com uma configuração muito diferente de uma oficina presencial. E foi por intermédio de suas produções que isso se deu.

A partilha poética consiste em um encontro síncrono com os cursistas para que tomem contato com as produções uns dos outros, com os olhares uns dos outros para suas próprias criações, com vistas a (re)significar o ato criador como algo coletivo. Para Duchamp (1986, p. 74), o ato criador nunca é executado pelo artista sozinho, o público está sempre implicado de uma forma ou de outra.

Antes do momento da partilha, realizo uma curadoria dos trabalhos e seleciono alguns para discutir aspectos estéticos específicos em torno do texto, da imagem e de texto e imagem em relação. No momento desse encontro coletivo assumo o papel de mediadora, e proponho um exercício de dividir a turma em três outras salas virtuais temáticas. Assim, por cerca de 20 minutos, os cursistas se ausentam da sala virtual principal para olhar para algumas produções pré-selecionadas por mim, a partir do aspecto designado para cada sala (texto, imagem ou texto e imagem em relação). Após realizada a discussão nas três salas virtuais privadas, os três grupos de cursistas retornam à sala virtual principal para compartilhar comigo e com os colegas suas impressões, afetações e leituras a respeito dos trabalhos que analisaram.

O que é feito nas salas privadas e depois na sala principal fica a cargo da autonomia dos cursistas, no entanto, existe um exercício de proposição e condução da atividade que configura os atos da educação e da mediação praticados por mim, como evitar que sejam feitos juízos de valor sobre as obras, ou que cada um fale exaustivamente sobre seu processo de criação em detrimento dos assuntos estéticos das obras escolhidas para a discussão. A intenção é partilhar reflexões e se aproximar do outro, e conseqüentemente de si mesmo e de seu próprio processo.

Creio ser importante demarcar uma atuação tripla de professora, mediadora e curadora também junto a eles, pois no caso de replicarem a oficina em suas práticas educativas particulares, terem a clareza de que devem desenvolver três papéis que se misturam, mas que têm suas particularidades. Por que escolher tal obra e não outra para estar presente na sala privada cujo assunto é o texto, por exemplo? Quais são os critérios dessa escolha? E por que separar a turma para exercer por si mesma um papel analítico? E por que o exercício de socializar essa análise depois, em diálogo com a minha mediação?

Essa disciplina, em última instância, foi pensada como partilha da minha prática educativa com colegas de profissão. Nada mais justo, portanto, que apresentar o dispositivo após aplicá-lo, dar um pouco de munição para profissionais que desejam apostar na arte como possibilidade educativa, ou seja, dialogar com eles sobre possíveis respostas para as perguntas acima. Se mostrou importante após realizar a partilha poética, falar sobre a importância desse momento de troca, que constitui uma apropriação do processo criativo do outro, que produz um espelhamento e ao mesmo tempo o expõe, num exercício fundamental de alteridade.

⁶ Me refiro à disciplina “Literatura e linguagem na formação” do Curso de Especialização *Lato Sensu*: Escola Pública: Relações com o saber que afetam projetos de vida e de trabalho, oferecido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos.

Em primeira instância, a disciplina foi pensada para suscitar reflexões sobre o contexto educacional e sobre formas de emancipação dos sujeitos que dele fazem parte. Em minha interpretação, não havia como firmar essa discussão ou sugerir a arte como recurso educativo sem que eles experimentassem a oficina em primeira mão, por isso ela conta inclusive como atividade avaliativa. Não há como propor algo do âmbito da criatividade sem antes experienciá-la.



Figura 2: Vivência de arte e educação no Ciclo de Debates Infância, Gênero e Sexualidade. UFSCar, 2019

Fonte: Acervo LabCriarte

Arte como caminho na educação

Este tópico será curto. Mas senti necessidade de inseri-lo mesmo assim. Após apresentar um pouco da proposta da literatura-oficina, e como ela recebeu um adendo ao ser proposta como atividade em um Curso de Especialização EAD, uma pequena modificação em função de ser aplicada no formato não-presencial, preciso dizer que ela não ensina nada. Não ensina como escrever, nem como ilustrar um texto. O blecaute, a colagem, a montagem que se faz a partir de conexões entre palavras e imagens valem por si, são meramente apontados como recursos expressivos pela proponente (no caso eu) aos participantes. Não se trata do ensino de arte, é o que quero dizer.

Acredito que arte não se ensina a ninguém, o que é passível de ser ensinado no âmbito da arte são apenas formas de acessá-la, realizá-la. Arte é acontecimento. É ação sobre uma ou outra coisa que existe no mundo, de um ou de outro jeito. Ser artista é antes de mais nada, se permitir viver o movimento de criar algo a partir de algo, mobilizando técnicas e ferramentas específicas para manejar a matéria sobre a qual se atua, daí o acesso. Não é exclusividade de ninguém, e não precisa ser privilégio de alguns.

A arte tem a capacidade de criar brechas e fissuras em meio à estagnação, sacudir uma sociedade cansada, colocá-la em xeque. Apostar na arte como possibilidade de resgatar a criatividade e a abertura necessárias para que uma ação educativa se estabeleça, pelo menos aquela em que se propõe um encontro entre os sujeitos implicados de fato, não é o único, não é o melhor, mas é um caminho possível para desenvolver uma educação mais arejada, engajada, viva.

E se estamos falando de um caminho menos rígido para a prática educativa, quanto mais preguiçosas e malandras as possibilidades artísticas a serem exploradas, melhor. Gosto da literatura-oficina justamente por isso, nela se escreve e se ilustra com as palavras e imagens dos outros. Tudo na base do empréstimo, não ficamos devendo nada a ninguém.

Referências

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. *In: BATTCKOCK, G. (Org.). A nova arte*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.

HORA, Carolina Laureto; SALERNO, Iasha O. “Eu também sou artista!”: arte, educação e emancipação. *Cadernos da Pedagogia*, v. 14, n. 28, p. 25-41, maio-ago. 2020.

VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019.

MANGUEL, Alberto. Como Pinóquio aprendeu a ler. *In: MANGUEL, A. À mesa com o Chapeleiro Maluco: ensaio sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 38-50.

NOGUERA, Renato. *Afro-anarquismo, malandragem e preguiça*. São Paulo: N-1 Edições, 2021, [n. p.]. [online]. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/10>. Acesso em: 31 out. 2021

Sobre a autora

Carolina Laureto Hora. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos, na linha de pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade, mestra em Educação (2018) e licenciada em Letras (2014) pela mesma universidade. Participa das atividades do Laboratório de Estudo e Criação em Arte e Educação – LabCriarte/ UFSCar. Pesquisa a relação entre arte e educação, trabalha como mediadora cultural e como arte-educadora autônoma desde 2011, em espaços culturais e educacionais diversos.

E-mail: carollaureto@gmail.com.